

A LEITURA LITERÁRIA COMO TRAVESSIA PARA UM EDUCAR POÉTICO LITERARY READING AS A CROSSING TO A POETARY EDUCATION

Taís Salbé Carvalho¹
Antônio Máximo Gomes Ferraz²

Resumo: O presente trabalho trata da questão da leitura, mais especificamente da leitura literária, e como essa atividade pode conduzir o leitor à busca de si mesmo por meio do que estamos chamando de Educar Poético, um educar que vigora no acontecer da linguagem. Para tanto, trataremos de questões como: ler, leitura, leitor; aprendizagem poética e acontecimento da arte literária, dialogando com os estudos feitos Michèle Petit (2013); Annie Rouxel (2012, 2013); Manuel Antônio de Castro (1982, 2015). O resultado desse ato de leitura como travessia em busca do que é, o leitor é lançado ao processo de Circularidade Hermenêutica (GADAMER, 2015), no qual ao questionar as obras passa a ser por ela questionado o que o conduz a sua realização como homem humano.

Palavras-chave: ensino e aprendizagem; educar poético; leitura literária; literatura; linguagem.

Abstract: The present work deals with the issue of reading, more specifically literary reading, and how this activity can lead the reader to search for himself through what we are calling Poetic Educating, an educating that prevails in the happening of language. For such, we will deal with questions such as: read, reading, reader; poetic learning and event of literary art, dialoguing with the studies made by Michèle Petit (2013); by Annie Rouxel (2012, 2013); and by Manuel Antônio de Castro (1982, 2015). The result of this act of reading as a crossing in search of what it is, the reader is launched to the process of Hermeneutic Circularity (GADAMER, 2015), in which, when questioning the works, it becomes questioned by it, which leads to its realization as a man human.

Keywords: teaching and learning; poetic educating; literary reading; literature; language.

Introdução

*A vida também é para ser lida. Não literalmente,
mas em seu supra-senso.*

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras (UFPA); Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras (UFPA); Graduada em Letras Licenciatura pelas Universidade da Amazônia; e Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Kairós - Estudos de Poética e Filosofia (<http://nik-ufpa.blogspot.com.br/>). E-mail: t.salbe@gmail.com

² Professor Adjunto do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós- Graduação em Letras na mesma Universidade. Coordenador pesquisador do Núcleo Interdisciplinar Kairós projeto de pesquisa vinculado CNPq http://nik_ufpa.blogspot.com.br. E mail: profmaximoferraz@gmail.com

(Guimarães Rosa)

O presente trabalho trata da questão da leitura, mais especificamente da leitura literária, e como essa atividade pode conduzir o leitor à busca de si mesmo por meio do que estamos chamando de Educar Poético, um educar que vigora no acontecer da linguagem³. Para tanto, trataremos de questões como: ler, leitura, leitor; aprendizagem poética e acontecimento da arte literária, dialogando com os estudos feitos pela antropóloga francesa Michèle Petit (2013); pela professora emérita de Língua e Literatura francesa da Universidade de Bordeaux 4, Annie Rouxel (2012, 2013); e pelo professor emérito de Poética e Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Manuel Antônio de Castro (1982, 2015).

A relevância desse estudo se dá no âmbito do ensino de literatura nas escolas que, de forma tradicional, privilegia o texto em detrimento do leitor, ou em outros casos, privilegia o leitor e sua visão subjetiva em detrimento do texto. Logo, acreditamos e propomos que o ensino de literatura deva se fazer por meio do diálogo entre texto e aluno/leitor, pois percebemos que pela leitura o aluno/leitor tem a possibilidade de construir autonomia e visão crítica, por intermédio da aproximação com o texto e com a arte literária e, conseqüentemente, iniciar o processo de aprendizagem poética⁴.

Organizado em três seções, a primeira, intitulada “Leitura: o que é?”, tratamos do conceito de leitura a partir das concepções de Michèle Petit (2013), Annie Rouxel (2012, 2013), Manuel A. de Castro (1982, 2015) e Vincent Jouve (2012). Na segunda seção, “Ler: um ato livre, contemplativo e criativo”, abordamos o ato de ler e seus referentes: leitor, leitura, texto, contexto; os níveis de leitura e as diferentes interações que acontecem entre leitor e texto, também trazendo as colaborações dos teóricos já referidos, suas concordâncias e discordâncias.

³ Há três noções fundamentais de linguagem: 1ª) Comunicacional/informacional: é a concepção da língua como meio e instrumento. Ela então se reduz a um código relacional-funcional. 2ª) De conhecimento/conceitual: é a linguagem enquanto representação, pela qual se dá uma tensão entre o significante e o significado em relação ao referente. Predomina o conteúdo, daí tornar-se lógico-conceitual, até porque se depreende da sintaxe. 3ª) Poético-ontológica: é a *phýsis* se manifestando. As duas primeiras presidem à concepção do código genético como "linguagem universal da vida". Mas aí interfere algo fundamental: a) a relação parte/todo e todo/parte, ou seja, as duas concepções: mecanicista e sistêmica, onde se dá a questão da sintaxe lógico-formal; b) a sintaxe poético-ontológica. Como se dá a tensão entre linguagem e sintaxe? O que podemos entender por linguagem poético-ontológica é contraface da *phýsis*, da realidade realizando-se. Ela precisa ser pensada a partir do que o pensador Heráclito diz do *lógos*: "Auscultando não a mim, mas ao Logos, é sábio concordar: tudo é um" (CASTRO, Manuel A. de “Linguagem, 2”. In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letas.ufrrj.br/index.php/Linguagem>. Acessado em: 5/7/2018).

⁴ Essa proposição faz parte de um projeto de tese de doutorado, o qual estou desenvolvendo pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, em conjunto com pesquisas realizadas pelo Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Poética e Filosofia, do qual sou membro-pesquisador. A referida tese tem previsão de ser defendida em fevereiro de 2021.

Na terceira e última seção, intitulada “A leitura literária: um caminhar ao educar poético” apresentamos a leitura como atividade que pode conduzir o leitor à busca de si mesmo por meio do que estamos chamando de Educar Poético, estudo que vem sendo realizado em diálogo com a Rede Poética⁵ – Grupo Interinstitucional de Pesquisas em Arte e Filosofia, e que tem como grupos . Nesta seção refletimos acerca do que é educar, do que é poético e do que é aprendizagem como busca de si mesmo.

I. Leitura: o que é?

Se formos procurar o significado de leitura nos inúmeros dicionários da língua portuguesa vamos obter várias acepções acerca do seu conceito. Leitura pode ser a reunião expressa de letras em palavras e frases, numa acepção mais técnica; pode ser a decodificação do que está escrito expressando o seu significado, em uma perspectiva instrumental; a leitura pode ser a expressão de diferentes significados resultantes da articulação dos referentes leitor/texto/autor/contexto, por força do ato de ler; e numa concepção mais ampla e mais ontológica, segundo Manuel A. de Castro (1982), pode ser o resultado do inter-relacionamento do homem e das realidades do real no vigor do ler, que é um agir de grande e profunda complexidade, e jamais pode ser reduzido ao ato banal de decodificar algo escrito.

Na obra *A leitura* (2002), o professor de literatura francesa e pesquisador do Centro de Pesquisas para Leitura Literária, da Universidade de Reims, na França, Vincent Jouve, aborda a leitura como atividade multifacetada e complexa, visto que se desenvolve em várias frentes de processos do ser humano, como o neurofisiológico, o cognitivo, o afetivo, o argumentativo, o simbólico. Segundo Jouve (JOUVE, 2002, p. 17-18), “a leitura é antes de mais nada um ato concreto, observável e recorre a faculdades definidas do ser humano [...] considerada no seu aspecto físico, a leitura apresenta-se, pois, com uma atividade de antecipação, de estruturação e de interpretação”.

Entretanto, se nos atentarmos apenas para as relações formais entre texto e leitor, perderemos o que Jouve (2002) chama de “o charme da leitura”, que se origina das diferentes

⁵ A Rede Poética é composta pelos seguintes núcleos, com seus respectivos coordenadores, todos presentes ao evento realizado na UPFA: Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Poética e Filosofia – NIK (Prof. Dr. Antônio Máximo Ferraz, Pós-Graduação em Letras, UFPA); Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Poética – NIEP (Prof. Dr. Manuel Antônio de Castro, Pós-Graduação em Letras, UFRJ); NuNada – Núcleo Interdisciplinar de Filosofia, Poética e Corporeidade (Prof. Dr. Igor Fagundes, Departamento de Arte Corporal da UFRJ); Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem – NIEL (Profª. Drª. Angela Guida, Pós-Graduação em Letras, UFMS); LAE - Laboratório de Arte-Educação (Profa. Dra. Maria Ignez de Souza Calfa, Departamento de Arte Corporal da UFRJ). A Rede desenvolve pesquisa acerca do Educar Poético e sobre o tema publicou duas obras pela Editora Tempo Brasileiro, são elas: *Poética e diálogo: caminhos de pensamento* (2011) e *O Educar Poético* (2014).

relações entre texto e leitor e sensações, questionamentos, emoções, aprendizagens e todos os sentidos que essa prática proporciona. Dito isso, podemos pensar que a leitura literária conduz o leitor a diferentes possibilidades de caminhos, na sua maioria, desconhecidos, em que esse terá a oportunidade de se deparar com questões⁶ que o acolhem e/ou o colocam diante do enigma que é a vida, mesmo que essa leitura seja uma atividade “inocente” e não um exercício crítico.

Isso posto, arriscamos afirmar que seja qual for o tipo de atividade de leitura literária realizada, esta conduzirá o leitor a construir-se como ser humano, visto que esse passa a dialogar com a obra, re-criando tempos, espaços, imagens, fazendo com que a própria narrativa lida passe a ser incorporada a sua vida.

Leituras de obras literárias nos introduzem também em um tempo próprio, distante da agitação cotidiana, em que a fantasia tem livre curso e permite imaginar outras possibilidades [...] a disposição criativa tem a ver com a liberdade, com os desvios, com a regressão em direção aos vínculos oníricos, com atenuar as tensões (PETIT, 2013, p. 49).

Para Michèle Petit, em *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público* (2013), o ato de leitura há tempos tem sido um privilegiado caminho para o leitor elaborar ou mesmo manter um espaço próprio, íntimo e privado, em que ele vai construindo-se – ou descobrindo-se –, saindo das estáticas prescrições familiares e/ou sociais. De acordo com a autora, a leitura faz com que as pessoas possam tornar-se autores dos seus destinos, elaborar um outro lugar em que não dependam dos outros, em que não haja classificações como “leituras úteis” e “leituras de entretenimento”; “leitura escolar” e “leituras de prazer”; “leituras eruditas” e “leituras habituais”. Ou seja, um espaço no qual seja permitido ir em busca do que lhes é próprio, sem que nada seja programado anteriormente. “Essa leitura é transgressiva: nela o leitor volta as costas aos seus, foge, ultrapassa a soleira da casa, do lugarejo, do bairro. É desterritorializante, abre para outros horizontes, é um gesto de distanciamento, de saída” (PETIT, 2013, p. 42).

Segundo Annie Rouxel, em *Práticas de leitura: quais rumos para favorecer o sujeito leitor* (2012), a leitura, muito mais do que um lugar de expressão do leitor, se faz como lugar de existência, de construção do sujeito enquanto leitor ativo. A autora critica duramente as práticas de leitura propostas no ensino de literatura em escolas, afirmando que:

⁶ “... o vocabulário, em sua amplitude, tende num primeiro momento a manter uma tensão entre questões e conceitos. Os conceitos são o dito, as questões são o não-dizer de todo dizer vivo e pulsante. Os conceitos são representações. As questões são sempre presenças velantes, dissimulantes. Como aqueles tendem mais a se impor em detrimento da dinâmica das questões, eles imprimem ao mundo real o seu caráter abstrato e representacional. E acabam por circunscreverem um mundo abstrato em detrimento do mundo real, vivo, operante” (CASTRO, 2015, p. 243).

[...] as práticas escolares de leitura deixaram pouco espaço à subjetividade do leitor [...] obrigado a proceder a uma significação consensual do texto, quando não estabelecida e congelada, o aluno [...] dispunha apenas de uma margem estreita para exprimir sua interação ou seu julgamento pessoal. [...] o estudo do texto, longe de ser um espaço de reações individuais e coletivas, era muito mais uma formação concebida como submissão ao texto (ROUXEL, 2012, p. 2).

Manuel A. de Castro, em *O acontecer poético: A história Literária* (1982), especificamente no capítulo “Leitura Poética”, destaca que o leitor não deve ser visto como passivo ao texto, e que devemos levar em conta que leitor e texto estão imbricados em uma relação na qual, ao se deparar com as questões manifestadas pelo texto, o leitor as atualiza, potencializando o texto, provocando uma reação fecunda em que tanto leitor quanto texto passam a ter novos sentidos, se desvelando em acontecer como mundo. Sobre essa relação, Castro (1982) afirma que o leitor é leitor na leitura, e a leitura é leitura no leitor, ambos vigorando no e pelo exercício do ler, que, segundo o próprio autor, é o “vigor de nomear que faz aparecer o que se estende adiante da luz e pelo qual a presença das coisas presentes se produz no ocultar-se” (CASTRO, 1982, p. 101).

Ao ler, o leitor, por meio da linguagem – esta entendida como *logos*, ou como as infinitas possibilidades de dar sentido às coisas do mundo –, manifesta sua relação dialogal com a realidade nomeando o que se faz aparecer, o que se ilumina diante do mistério da luz pela presença, pelo o que emerge, se dar a ver.

Ler, em sentido poético, é sempre questionar-se, mas cujo caminho de leitura nos expõe e exige decisões de sentido de nosso viver. Nesse momento, aparece a diferença entre a experiência e a experienciação da leitura, pois esta não apenas nos informa algo, mas nos põe em questão. E isso é compreendermo-nos (CASTRO, 2015, p. 111).

Para que possamos pensar nessa relação entre leitor e leitura literária que conduz à aprendizagem poética, ou à construção de si, devemos esclarecer algumas questões primordiais dessa atividade, a saber: o ato de ler; a leitura, seus níveis e procedimentos; o leitor; a arte literária como acontecimento e manifestação de questões; e, por fim, como se dá esse processo de aprendizagem poética por meio da leitura literária. Além disso, devemos pensar a leitura como um ato livre e criativo, pelo qual nos alimentamos, vindo a nos tornar o humano que somos.

II. Ler: um ato livre, contemplativo e criativo

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma*

*Tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*
(Carlos Drummond de Andrade)

O excerto acima, do poema de Drummond, *Procura da poesia*, nos leva a pensar sobre os três atributos do ato de ler: livre, contemplativo e criativo e que estão em diálogo direto e intenso com o ato de criar, de fazer poesia, de brincar e se enraizar com as palavras. Drummond, nesse poema, nos convida a brincar com as palavras, a deixar com que elas nos conduzam a novos e diversos caminhos (possibilidades) até chegarmos ao canto inaugural da semente da palavra e lá possamos nos embicar nas metáforas e ver o extraordinário da linguagem acontecendo. E assim deve ser feito também com a leitura.

Portanto, convidamos o leitor a pensar a relação entre cada uma dessas palavras com o ato de ler. Se partirmos da ideia de que ler não é apenas um ato apenas racional, visto que engloba todo o corpo humano enquanto processo de criação de sentido, então podemos comparar o ato de ler com o ato livre como o de comer (JOUVE, 2002; CASTRO, 2015).

Para garantir um organismo bem desenvolvido é necessário nos alimentar. Mas que tipo de alimento nos garantirá um bom desenvolvimento? É fato que uma alimentação adequada e balanceada propicia um bom desenvolvimento físico e mental. Se não nos alimentarmos, se nos alimentarmos mal ou se nos alimentarmos muito e desreguladamente, teremos consequências sérias em nossa saúde.

Destarte, tudo o que comemos é metabolizado em nosso corpo e transforma o alimento no que somos física e mentalmente. Entretanto, diferente de outros seres, nós, humanos, fazemos da necessidade de comer algo muito maior do que satisfazer a uma necessidade fisiológica: transmutamos o alimentar numa atividade livre, contemplativa e criativa por meio da “arte” culinária, da gastronomia. Isso só nos é dado porque vivemos em meio à linguagem⁷ que nos possibilita ler, não apenas como decifração de signos e sistemas linguísticos, mas como atividade originária do humano que está lançado às questões do ser, e que por meio de sua capacidade de nomear, de dar sentido às coisas, pode transformar uma “simples” atividade física em arte criadora. Portanto, a leitura também é alimento.

⁷ Pela linguagem não podemos perguntar, a não ser já vigorando nela. Vigorar nela é deixar advir toda coesão e coerência da linguagem do silêncio... morte de todas as falas. Do silêncio só podemos dizer que vigora, não o que é. A morte não é o silêncio vigorando? (CASTRO, Manuel A. de “Linguagem, 1”. In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Disponível em: <http://www.dicpoetica.lettras.ufrj.br/index.php/Linguagem>. Acessado em: 5/7/2018).

Leitura é alimento. E na leitura deve ocorrer o mesmo processo do alimento físico: um metabolismo intelectual pelo qual devemos transformar o que os outros dizem e propõem para reflexão em algo nosso, incorporado ao nosso ser (CASTRO, 2015, p. 83).

Mas não devemos pensar a atividade da leitura carregada de normas, paradigmas de certo e errado, expectativas de interpretação – leituras de formação. Como já dissemos anteriormente, a relação entre texto e leitor é algo próprio, singular, contemplativo, em que tanto leitor quanto texto travam uma batalha para a construção de significados e sentidos, e nessa relação não existe nem sujeito nem objeto, ou quem oferece as pistas e os caminhos e quem os segue. O que existe é uma relação dialógica, um pacto, em que tanto texto quanto leitor vão se construindo mutuamente como sentido de mundo.

Dentro dessa perspectiva entre a leitura cheia de normas, obrigatória e a leitura livre, apaixonada, dialógica, Rouxel (2012) faz uma interpretação acerca do que vem a ser essa relação mais direta entre o texto e o leitor, afirmando que a leitura que se propõe à construção de identidade do leitor deve introduzir um espaço de liberdade, para a qual o leitor corresponda com mais autonomia. A autora chama a esse tipo de leitura de “leitura cursiva”, e a diferencia de uma leitura que pretende formar um leitor capaz de responder às injunções de cada texto, tornando o leitor passivo, o obrigando a proceder em direção de um entendimento mais consensual do texto, ou mesmo preestabelecido e estagnado: a esse tipo de leitura, a autora chama de “leitura analítica”. Para Rouxel, “mais do que um lugar de expressão do sujeito leitor, a leitura é um lugar de existência” (ROUXEL, 2012, p. 3).

Ao se procurar, ir em busca de sua existência, o leitor não deve pensar a arte literária como uma mera representação da realidade, mas como a própria realidade se manifestando nele, que torna-se, então, o lugar de manifestação do literário. Essa pode ser compreendida como uma atividade ontológica de construção de si. Marcel Proust, certa vez, afirmou que cada leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo⁸. E que a obra de um escritor é apenas uma espécie de instrumento óptico, um caminho, que ele oferece ao leitor a fim de permitir-lhe discernir aquilo que, talvez, não tivesse visto em si mesmo. Castro (2005) afirma que o leitor é tão importante quanto o autor, pois a interpretação de um texto se torna uma aventura fundadora de realidade. Uma leitura interpretativa coloca o leitor em contato direto com a dimensão discursiva de uma obra/texto literário, tendo em vista que o literário é o dizer instaurador de mundo que ultrapassa o discurso.

⁸ Frase retirada do livro *Como Proust Pode Mudar a Sua Vida* (1999), de Alain de Botton, publicado pela Rocco.

Contudo, é possível compreendermos o ato de ler, considerando seus níveis, como: (a) a leitura; (b) a escuta, como forma de doação do leitor às questões manifestadas na obra; (c) o diálogo entre leitor e obra; a interpretação; (d) a experiencição do leitor que passa a orbitar as questões da obra que o convidam a pensar; (e) o acontecimento tanto da obra quanto do leitor, enquanto criação de sentido; (f) a aprendizagem como travessia nas e pelas questões que o convocaram à procura de si; (g) a libertação para um processo de educar poético, que se manifesta no ato de se questionar frente a uma obra literária.

É possível, ainda, pensar o texto literário como uma unidade ambígua de manifestação da realidade, no qual tanto significante quanto significado são forças reais que conduzem à procura pelo sentido da obra, e que tanto autor quanto leitor são lugares de manifestação/acontecimento.

Dentro dessa perspectiva, a leitura mostra-se como um círculo de produção, por meio da articulação no e pelo ato de ler dos referentes: ler, leitor, texto, autor, contexto. Castro (1982) propõe a leitura poética – aquela que se faz da inter-relação e interação entre o texto (o sistema de signos verbais), o entre-texto (o signo poético, específico do literário) e o pré-texto (a linguagem como possibilidades de sentido, fonte de toda e qualquer realidade) – a fim que pensemos de forma articulada/dialética em cada um desses referentes.

Nesta abordagem da leitura literária, o verbo ler origina-se do verbo grego *leguein* que significa o “vigor do nomear que faz aparecer o que se estende adiante na luz, pelo qual a presença das coisas presentes se produz no ocultar-se” (CASTRO, 1982, p. 101). O leitor é quem estabelece alguma relação com o real e o manifesta em realidades, por meio de um sistema de signos, pois sua interação com o texto vigora na maneira como ele reage com autor, com o próprio texto e com o contexto, isto é, com o mundo à sua volta.

Destarte, o leitor é o espaço/lugar de manifestação das inúmeras possibilidades de sentido oriundos do sistema de signos, por meio da linguagem, dentro do real. Logo, a relação entre leitor e leitura se dá de forma tensional e dialética, proporcionando não só uma instituição de significados, mas, principalmente, a procura de sentido, que em hipótese nenhuma pode ser significável, visto que deixaria de ser procura.

O texto é o discurso resultante da relação do homem com as realidades em que vive, por força do ato de ler. É pelo ato de tecer os signos da língua os transformando em um todo carregado de sentido que o autor e, por conseguinte, o leitor faz vir à tona o mundo e suas possibilidades de acontecimento.

Castro (1982) acrescenta que esse tipo de atividade criativa do homem gera duas modalidades de texto: o texto-objeto, que apresenta o discurso referencial e que propõe uma relação representativa da linguagem em que o sujeito autor/leitor é o dono do objeto texto. A outra modalidade é o texto-obra, que se vale do discurso metafórico, da fusão de expressão e conteúdo vigorando como presença, como ser, sua literariedade – “presentear é o velar-se que se iluminou” (HEIDEGGER, 2012, p. 126).

Assim, o autor do texto, assim como o leitor, também é o lugar de manifestação do literário, e não preexiste à obra. Logo, só há autor se houver obra, pois os dois vigoram na força do ler. As possibilidades poéticas que acontecem nas obras literárias não são diferentes daquelas que vigoraram nos autores e se fazem presentes nas obras, porque, em verdade, os autores não são os autores das obras. As obras⁹ é que são as autoras dos autores e dos leitores, visto que são elas que operam (manifestam) as questões que há tanto perseguem o homem, que só se faz humano pelo questionar que conduz à procura de si. E o podem ser porque tanto autores como leitores vigoram e podem acontecer na mesma mediação: a *poiesis*, o agir criador do ser, que se torna, e desde sempre, é a medida do humano. “[...] não podemos confundir “obra” nem com suporte material, escrito ou oral, nem com o discurso entendido gramatical ou até ficcionalmente, e muito menos com objeto ou forma estética” (CASTRO, 2015, p. 249).

E o que significa mundo no contexto da leitura? O mundo possui inúmeras acepções: 1- pode ser o universo organizado; o globo terrestre ou uma parte dele; 2- a totalidade dos homens; 3- a humanidade ou apenas um domínio da humanidade (como o mundo do pensamento, o mundo religioso, o mundo da ciência etc.). Mas, na maioria das vezes, se confunde mundo com contexto, não levando em consideração que o mundo inclui o contexto, mas que o contexto não inclui o mundo.

Podemos dizer que se faz mundo quando o ser humano, independentemente de sua posição ou relação com o tempo e/ou o espaço, realiza-se como sentido. Enquanto que contexto se dá pela “instituição de um tempo e espaço pelo discurso enquanto tensão de uma expressão e de um raciocínio. [...] Contexto é, portanto, o conjunto de instituições discursivamente ordenadas (sintaxe)” (CASTRO, 1982, p. 109).

⁹ "Pode-se alegar que um texto não passa da realização de um discurso em uma ordem sintática coesa e coerente. Não basta coesão e coerência sintática, toda obra de arte vai além disso. Uma obra só é obra se, em sua constituição originária, opera. O operar de toda obra exige e solicita um diálogo, não qualquer diálogo, mas um diálogo poético. Neste somos provocados a nos deixarmos tomar pelo nada criativo a partir do qual toda obra de arte opera" (CASTRO, 2011, p. 225)

Portanto, diferentes leituras, que relacionam leitor, autor, texto e contexto, instituem diferentes mundos, conduzindo o leitor à aprendizagem poética por meio de um educar poético.

Partindo do diálogo entre esses diferentes olhares sobre o ato de ler, o que seria o poético da aprendizagem do humano e do educar?

III. A leitura literária: um caminhar ao educar poético

— *Se quer seguir-me, narro-lhe;
não uma aventura, mas experiência,
a que me induziram, alternadamente,
séries de raciocínios e intuições.*
(Guimarães Rosa)

A arte é que nos leva à procura do próprio de cada humano. São as obras de arte – alimento para o pensar e nunca para o doutrinar – que nos questionam sobre o que é o humano, o que é a realidade e o que é o destino. Essas três questões são grandes enigmas e jamais podem ser reduzidas a conceitos herméticos, visto que tanto o humano quanto o real são um acontecer contínuo. É nessa perspectiva do questionar pelas obras de arte que conduz à aprendizagem poética¹⁰, portanto, à nossa humanidade, que nos diz Manuel Antônio de Castro:

A arte, toda arte, é alimento para que cada um faça da sua vida uma obra de arte. Porém, há uma questão, que é o maior desafio em nossas vidas. Qual? Fazer da arte vida. É neste horizonte de fazer da arte vida que se coloca a questão radical para cada um de nós: nossa travessia (CASTRO, 2011, p. 1).

Esse é o desafio que uma obra literária coloca aos seus leitores: pensar o que se é, e ser o que se pensa, e assim ir se construindo no e pelo questionar. Pensar é necessário, pois, ao pensar, o humano vai à procura a si mesmo, buscando conhecer sua humanidade, quer dizer, aquilo que lhe é próprio, atravessando o sertão da vida tentando aprender a viver, a se relacionar com as questões que lhe afligem como humano que é: a esse processo chamamos de Educar Poético.

¹⁰ É bom que entendamos o poético não como mais um gênero literário ou com o ato de fazer poesia. A concepção é ontológica e parte do entendimento de que o poético é a incessante reinvenção da realidade, por meio da ação que se faz linguagem. É o ser se dando, sendo tempo, presenteando-se, acontecendo. A realidade não pode ser apreendida como algo cronológico, de um agora. Mas como o presente do que não cessa de se inaugurar, de nascer. O poético é. É enquanto se pensa e age. “O poético, em termos de realidade e essência do humano, é sempre o diferente, sendo o nada criativo a sua identidade. Desse modo as novas grandes obras de arte operam num círculo poético” (CASTRO, “Poético, 3”)¹⁰

A palavra “educar” originou-se do verbo latino *ek-ducere*, em que *ek-* significa “para fora” e *ducere*, “conduzir”, em sentido ontológico, que inclui tanto o espacial quanto o temporal. Logo, educar é um processo ontológico pelo qual cada ser humano deve ser conduzido para além dos limites, ou seja, “o educar é a caminhada dialética pela qual somos lançados no livre aberto da tensão de limite e não limite para que aconteça o libertar” (CASTRO, 2014, p. 16). Isso tudo tem a ver com essência do ser humano, já que somos e não somos, pois somos possibilidades de vir a ser de todo ser, e nosso horizonte do educar está diretamente ligado à questão da verdade, no sentido de desvelamento e velamento do que desde sempre se é.

Conduzir-nos na e pela aprendizagem do desaprender não é tarefa nada fácil, principalmente hoje em dia, em que o mundo nos leva cada vez mais ao aprisionamento das funcionalidades, ou seja: se o indivíduo não funciona e não dá resultados positivos, ele não serve, é descartado. Mas até mesmo para funcionar é preciso antes pensar, construir pensamentos por meio do questionamento, e isso não acontece de forma lógica e racional, é necessário entregar-se às questões, das quais o homem já é doação.

A busca do homem pelo que lhe é próprio, pela sua humanidade, deve se dar por meio de uma educação com foco no questionar e no devolver às questões o seu vigor, e isso nos coloca frente ao destino do humano: ir à procura do que já desde sempre é e não sabe. Porém, o desdobramento desse destino nos chega como tradição de uma estrutura metafísica de pensamento, na qual todo saber (saber-se) está centralizado na sujeição do ser enquanto ente, ou seja, na determinação subjetiva do real na medida dos conhecimentos filosófico (este não mais visto como a atividade do pensar, mas como disciplina), teológico e científico.

Identifica-se, porém, um problema a ser resolvido nessa estrutura de pensamento, algo que não foi levado em conta, por exemplo: uma decisão prévia de que o conhecer se baseia na proposição, na causalidade, no fundamento a partir de uma verdade lógica em função de conceitos abstratos universalmente aplicáveis. No mundo da razão pura e do conhecimento proposicional, que busca, primordialmente, conceitos funcionais, podemos perceber que existe a redução (ou a anulação) de outras fontes do saber: os mitos e a arte, pela limitação de suas narrativas originárias aos paradigmas filosóficos, teológicos e científicos, antes mencionado.

Nessa perspectiva, toda a realidade passa a ser concebida antropocentricamente com foco na condição do homem como sujeito que impõe explicações funcionais de aspectos naturais, psicológicos ou sociológicos e históricos às coisas objectualizadas. Entretanto, quando a realidade desses saberes extrapola os limites conceituais (algo comum de acontecer),

prontamente o pensamento se vê sem saída. Ele terá que forjar um novo enquadramento lógico que justifique abstratamente a “nova” realidade ou, quando isso não é possível, excluí-la para dimensões ilógicas, irreais, impossíveis, ou seja, o que não tem importância, porque não tem função.

O mundo globalizado em que vivemos não se abre a um educar poético originário, um educar que liberte para o questionar o que são o humano, a realidade e o destino, pelo fato de que se tem esquecido, cada vez mais, o sentido do ser e de ser. Essa falta do questionar que nos leva ao esquecimento do ser se dá porque o mundo da tradição mimética (o qual vê a arte apenas como imitação da realidade) já, de antemão e por diferentes injunções, decidiu sobre as cinco questões que são conaturais ao questionar, são elas: a verdade/*alétheia*, a imitação/*mímesis*, a ação originária do humano/*poiésis*, a técnica/*techné*, e o pensar/*noein*.

Para que consigamos voltar a nos questionar, é necessário que mergulhemos fundo no universo das obras de arte, por meio de um educar poético que tem como tarefa integrar, concretamente e dialeticamente num círculo virtuoso, as questões do humano, da realidade e do destino às cinco questões conaturais do questionar descritas acima. E para isso, “*Carece de ter coragem... Carece de ter muita coragem*” (ROSA, 2006, p. 391).

Um exemplo de obra literária que nos proporciona esse tipo de relação entre texto e leitor é a de Guimarães Rosa: ela nos convoca à travessia do questionar. No conto *O espelho*, presente no livro *Primeiras Estórias*, escrito em 1962, temos um personagem que ao entrar em um lavatório de um edifício público e se deparar com dois espelhos “— um de parede, outro de porta lateral, aberta em ângulo propício — [*que*] faziam o jogo” (ROSA, 2005, p. 115), inicia uma experiencição de buscar-se, indo da figura estética do humano até as mais profundas dimensões do ser. E o que ele enxergou:

Por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento e espavor. E era — logo descobri... era eu mesmo! O senhor acha que algum dia ia esquecer essa revelação? (ROSA, 2005, p. 115).

Nesse conto, o leitor se vê em frente à encruzilhada entre o sabido e o não-sabido do que ele mesmo é, se vê rodeado de questões sobre o sentido da existência humana e dá o primeiro passo em busca de se compreender, de se buscar, de se construir, pelo questionar. Nesse conto, Rosa nos apresenta a questão do ver-se, do olhar-se no espelho, (as águas de Narciso). Espelho vem do latim *speculum*, donde também se forma o verbo “especular”. A busca da essência do espelho é a busca da essência do especular, do conhecer (com-nascer), da

procura da verdade como manifestação do ser, e, portanto, como aprendizagem poética. É o que diz o personagem principal do conto: “Desde aí, comecei a procurar-me — ao eu por detrás de mim — à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara. (...) Sobreabriram-se-me enigmas” (ROSA, 2005, p. 116).

O leitor vai acompanhando a saga do personagem, e imbricado nas questões que se apresentam a ele, passa também a se relacionar de modo mais íntimo com toda aquela história, que a se questionar sobre sua vida. Isso nos leva a crer que a obra de Guimarães Rosa, como outras obras de arte literária, é um convite ao pensar que conduz ao educar poético originário, em que podemos “aprender com”, num movimento contínuo do advento do inesperado como acontecer poético em nossas vidas e dentro do qual devemos nos mover. E isso se dá porque cada um de nós é um próprio, ou seja, somos o que recebemos para ser, e é em busca desse nosso destino que devemos permanecer em travessia.

Considerações finais

Ao longo desse ensaio, o enfoque dado ao ato de ler como resultado da complexa e indissociável relação entre leitor e obra se deu em forma de diálogo entre diferentes olhares sobre a leitura literária, percebendo que em uns momentos os olhares se aproximam, noutros se afastam.

Petit (2013) separa o ato de ler em leitura útil e leitura por prazer, afirmando que somente esta conduz o leitor à construção de si como sujeito. Rouxel (2012), por sua vez, distingue a atividade de leitura em analítica, a qual pretende formar um leitor capaz apenas de responder às injunções do texto, em que esse leitor não terá nenhuma voz enquanto sujeito; e leitura cursiva, aquela que se caracteriza por sua forma livre, direta e corrente, e que tem por função apreender o sentido a partir do todo. Segundo Rouxel, esta é uma leitura autônoma e pessoal, a qual autoriza o leitor ao fenômeno da identificação. Em ambas, podemos perceber que a construção do leitor está baseada em uma relação entre sujeito e objeto, em que o sujeito é o leitor que irá predicar o objeto-texto.

No entanto, Castro (1982, 2005) faz uma distinção entre o que ele chama de leitura espontânea (ou literal/atemática) e de leitura poética, para este autor a primeira atende aos dados do discurso e ao horizonte cultural e conjectural do leitor, conduzindo-o ao prazer natural que advém, muitas vezes, da incompletude do texto e de perguntas que deixaram de ser respondidas

durante a leitura, envolvendo espontaneamente a ficção poética e o imaginário do leitor, abordagem que o aproxima de Petit e Rouxel.

O segundo tipo de leitura, chamado pelo autor de poética, irá se traduzir numa interpretação mais profunda das questões manifestadas pelo texto literário, distanciando-se das concepções de leitor e obra forjadas por Petit e Rouxel, visto que, para Castro (1982, 2015), a leitura poética se dá em um âmbito ontológico, o qual prevê um movimento de entrega mais radical por parte do leitor, o conduzindo, por meio do questionamento da obra e do autoquestionamento a uma aprendizagem por meio do enraizamento nas palavras e com as palavras.

Partindo desse pressuposto, acreditamos ser no momento da leitura de textos literários que ocorre a circularidade hermenêutica (GADAMER, 2015), ou seja, o processo pelo qual, ao ler e questionar as obras literárias, o leitor passa a ser por elas questionado, o levando a pensar sobre o sentido do humano, de vida e morte, do amor, da verdade, do mundo, do tempo, da arte, da linguagem. Isso posto, observamos que esse tipo de relação aproxima, sobremaneira, o leitor do texto literário, conseqüentemente, das potencialidades da linguagem, e o conduzem na e pela travessia da busca de si mesmo. Sendo assim, leitura se converte no que ela essencialmente é: uma verdadeira travessia existencial.

Referências

- CASTRO, Manuel A. de. *O Acontecer Poético: a história literária*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1982.
- CASTRO, Manuel A. de. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.
- CASTRO, Manuel A. de; FAGUNDES, Igor; FERRAZ, Antônio Máximo (orgs). *O educar poético*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- CASTRO, Manuel A. de. *Leitura: questões*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2015.
- CASTRO, Manuel A. de. “Poético, 3” In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Po%C3%A9tico>. Acessado em: 5/7/2018
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista: SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. “Aletheia” In: *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia de Sá Schuback. Rio de Janeiro/Petrópolis: Ed. Vozes; São Paulo/Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco. 8ª ed. 2012.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34. 2013.

ROUXEL, Annie. “Práticas de leitura: Quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?” *Cadernos de Pesquisa*. Vol. 42. Nº 145. São Paulo Jan./Abr. p. 272-283, 2012.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; R EZENDE, Neide Luzia. (Org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2006.

*Recebido em 30 de julho de 2019.
Aceito em 26 de setembro de 2019.*